

## OS FUNDAMENTOS DA CIDADE E A URBANIDADE

*Se nós definimos hoje a cidade como uma situação espacial caracterizada pela concentração de uma sociedade em um lugar (d=0) de modo a maximizar a densidade e a diversidade das interações sociais ou se nós dizemos, de uma maneira ainda mais enxuta, que a cidade é um geótipo de substância societal fundada sobre a copresença, nós não trazemos nenhum ingrediente novo àquilo que já foi expresso anteriormente na literatura... (Jacques LÉVY In Le Tournant Geographique)*

1. UMA PERSPECTIVA LONGE DOS FUNDAMENTOS DA CIDADE: a vitória da urbanização (da cidade) é uma "vitória envergonhada". Nos últimos dois séculos a humanidade vem erguendo a sua maior obra que é a urbanização, mas parece fazê-lo contrariada. Temos, de certo modo, à direita e à esquerda, reservas em assumir as cidades. Daí a novidade de um livro como o *Nosso Futuro Urbano* de Edward Glaeser que faz a apologia da cidade, algo raro, pois nos nossos dias ainda pontificam e têm mais prestígio obras como o *Planeta Favela* de Mike Davis. Talvez, seja uma questão de perspectiva: a cidade tratada apenas como efeito, como *locus* de fenômenos e problemas, afastada do núcleo forte explicativo e/ou interpretativo de nosso mundo (negando à cidade qualquer substância para participar dos grandes debates políticos atuais) e vista como algo "menor que o social", não pode ser considerada como a maior obra da humanidade nesses dois últimos séculos.

2. UMA PERSPECTIVA QUE SE APROXIMA DOS FUNDAMENTOS DA CIDADE: os fundamentos do fenômeno urbano são historicamente contornados, evitados. Ficaram obscurecidos e a cidade não é vista em si, como um fenômeno. Seu caráter produtivo do social é negligenciando sob o temor do determinismo, quando na verdade, essa negligência se deve ao domínio imperial de "verdadeiros determinismos" (o estruturalismo, o economicismo, p. ex.). Lançando mão da instigante leitura crítica do mundo contemporâneo feita por Juergen Habermas para refletir sobre a cidade, temos uma oposição entre *sistemas* e o *mundo vivido*, sendo que os sistemas "colonizam" o mundo vivido. No entanto, essa colonização não é definitiva e o mundo vivido sobrevive, ou resiste. Nessa tensão conflitam a *racionalidade organizacional (instrumental, estratégica, sistêmica)* dos sistemas e a *racionalidade comunicacional (procedimental)* do mundo vivido que restitui ao *ator social* sua dimensão de ser capaz de responder sobre suas próprias ações. Nessa perspectiva, a cidade é um *medium* de grande complexidade social, que embora ela mesma esteja em boa medida sob o domínio dos sistemas, se apresenta como o *locus* principal do mundo vivido, por sua condição de ambiente interacional por excelência, o que mantém potencialmente o vigor do mundo vivido. Questão chave: nossas cidades cultivam, abrem espaço para a racionalidade comunicativa operar socialmente, ou ela vem sendo substituída "de forma perversa" pela racionalidade sistêmica?

3. A RACIONALIDADE SISTÊMICA (O PENSAMENTO EMPÍRICO-ANALÍTICO): o objeto cidade quando visto apenas como efeito, como resíduo, como algo menor, corre o risco de ver sua organização ser pensada e manipulada apenas do ponto de vista funcional/sistêmico, logo sob uma racionalidade instrumental, cuja expressão na vida cotidiana é o pensamento técnico ("o pensamento do engenheiro"). Isso tanto à direita quanto à esquerda. É comum nesse registro se pensar preferencialmente em *equipamentos* e menos em *serviços*, em oferta de *sistema viário* (e seus suportes) e omitir-se sobre a questão do *espaço público*. É prática comum desse pensamento, legitimado por sinal em nossa "cultura urbana", recortar os problemas em pequenas unidades para reduzi-los a casos conhecidos, se desinteressando pelos efeitos psicossociológicos das ações produzidos nesse contexto, dando preferência a soluções técnicas (empregando tecnologias saídas das ciências da natureza) e se recusando a verificar as consequências políticas das escolhas efetuadas. Por exemplo, a inconsciência absoluta da opção massacrante pelo automóvel, a inconsciência sobre as consequências da lógica imperante da construção de conjuntos habitacionais etc.

4. A RACIONALIDADE COMUNICACIONAL E A URBANIDADE: reduzindo a cidade a alguns de seus aspectos, longe de seus fundamentos, corre-se o risco de se culpar como um *excesso de urbano* o que é na verdade um *déficit de urbanidade*. E o que é a urbanidade: remete aos fundamentos da cidade, o que faz de uma cidade, uma cidade, o que faz de uma cidade mais ou menos urbana. Pensar a urbanidade da cidade exige uma outra inteligibilidade, uma outra racionalidade que não se reduza ao pensamento técnico descomprometido com os fundamentos da cidade e da sociedade. Um pensamento que considere as lógicas do social, que observe os contextos de integração e de segregação social (estamos aqui em plena discussão dos fundamentos da cidade), que reflita sobre os espaços públicos como forjadores da essência da cidadania etc.